

Sexualidade nas sociedades indígenas

Glória Kok



Moqueca de maridos: mitos eróticos indígenas
Betty Mindlin e narradores Makurap, Tupari, Wajuru, Djeromitxi, Arikapú e Aruá
Paz e Terra
322 páginas, R\$ 45

Que sentidos lampejam nessas narrativas protagonizadas pelo amante Txopokod e a menina de pinguelo gigante, a cabeça voadora Nangüeretá, a namorada do Cobra-Cega, o sapo *tororõi* e outras figuras tão inesperadas?

Enveredando por florestas densas de imagens de um tempo indiferenciado, em que homens, mulheres, animais e espíritos viviam em constante ebulição, esta *Moqueca de maridos: mitos eróticos indígenas* (publicada pela primeira vez em 1997 e traduzida para várias línguas), da antropóloga Betty Mindlin em coautoria com narradores Makurap, Tupari, Wajuru, Djeromitxi, Arikapú e Aruá, é uma coletânea de mitos desconcertantes para os padrões de amor e erotismo do Ocidente.

Na esteira de *Mitológicas* (1964), de Lévi-Strauss, Betty vem se dedicando desde a década de 1970 a documentar as tradições orais dos povos indígenas. Como afirma a autora, “o registro dos mitos é um caminho para a afirmação cultural, para lembrar a riqueza da diferença entre as sociedades e o direito de manter tradições diferentes” – e boa parte do material que coligiu resultou na organização de livros em coautoria com narradores indígenas, como *Terra grávida* (Rosa dos Tempos/Record, 1999), *Couro dos espíritos* (Senac/Terceiro Nome, 2001), *Mitos indígenas* (Ática, 2006) e *Vozes da origem* (Record, 2007).

Moqueca de maridos trata da complexa batalha das sexualidades – envolvendo violência, sedução, erotismo, alimentação e metamorfoses do corpo em trânsito pelos mundos aquáticos, terrestres e celestes – no contexto de seis povos indígenas de Rondônia, com distintas línguas e tradições (dos 67 mitos reunidos, 20 são Makurap, 17 Tupari, 8 Wajuru, 10 Djeromitxi, 4 Arikapú e 8 Aruá).

O mito Makurap, “A cantiga Koman ou moqueca de maridos”, que dá o título ao volume, narra a aparição de uma velha Katxuréu numa lagoa para reprimir as meninas que apanhavam sapinhos e peixinhos, vistos por ela como “nossa música e nosso jenipapo” (elementos inerentes à cultura). Como entoava lindas cantigas, atraiu as mães para aprenderem as canções e dançarem. Em troca, a velha exigiu das mulheres a carne de um marido por dia para comer.

Desconfiado, um rapaz fingindo-se de doente, ao avistar uma delas carregando o marido mor-

to, avisou os homens, que surpreenderam suas mulheres dançando ao som da taboca da velha e comendo um marido bem cozido. Como vingança, flecharam e mataram todas, excetuando a velha, que escapou para a lagoa, e duas meninas escondidas na casa do cacique, que continuaram a preparar a chicha doce que só as mulheres sabem fazer. Quando casaram, o povo Makurap cresceu e aprendeu a cantiga Koman.

Narrado originalmente em tupari, língua do tronco tupi, este mito contemporâneo remete ao circuito de vingança dos antigos rituais de antropofagia dos Tupinambá, sinalizando, entretanto, a inversão dos papéis. Se, no passado, a captura e a morte do inimigo circunscreviam-se ao domínio dos homens, neste mito são as mulheres as protagonistas. O massacre é o divisor temporal que restaura o papel cultural dos gêneros: os homens recuperam o *ethos* guerreiro, enquanto as mulheres voltam às atividades domésticas de fazer chicha, casar e povoar a aldeia. Somente a velha, insaciável em seus apetites, mantém viva a espiral de vingança arquetípica, lançando o desafio: “– É com esses dentes afiados que eu comi vocês, comi muitos homens!”. Tal voracidade lembra a da índia do relato do jesuíta Simão de Vasconcelos em *Crônica da Companhia de Jesus* (Vozes, vol. 1, 1977, p. 200), que, “no último da vida”, implora por “uma mãozinha de um rapaz Tapuia de pouca idade tenrinha para chupar os ossinhos”.

Assim, cada mito anima a imaginação e suscita interrogações acerca dos lugares da sexualidade e das imagens do corpo em sociedades indígenas contemporâneas.

Vale notar que a presente edição revista pela autora traz, além de novos textos e comentários, a introdução de Maurizio Gnerre, dados sobre os grupos indígenas citados, um glossário e um caderno com belíssimas fotografias do etnólogo Emil Snethlage, que visitou o Guaporé entre 1933 e 1935, e do antropólogo Franz Caspar, que viveu com os Tupari em 1948.

Glória Kok é pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e autora de *O sertão itinerante. Expedições da capitania de São Paulo no século XVIII* (Hucitec/FAPESP, 2004); *Os vivos e os mortos na América portuguesa: da antropofagia à água do batismo* (Unicamp/FAPESP, 2001), entre outras publicações.